

Warning: getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/ingresso_gerusalemme-copy.jpg): failed to open stream: No such file or directory in

/home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php on line 1563

Warning: getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/ingresso_gerusalemme-copy.jpg): failed to open stream: No such file or directory in

/home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php on line 1563

Home

Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor

[Imprimir](#)
[Imprimir](#)

Multithumb found errors on this page:

There was a problem loading image

'images/stories/priore/evangelodelladomenica/ingresso_gerusalemme-copy.jpg'

There was a problem loading image

'images/stories/priore/evangelodelladomenica/ingresso_gerusalemme-copy.jpg'

Domingo 17 Abril 2011

Reflexões sobre as leituras

de LUCIANO MANICARDI

A autoridade incomparável de Jesús deve-se ao seu conhecimento e aceitação da vontade divina; por outras palavras deve-se à obediência às Escrituras

Ano A

Procissão

Mt 21,1-11

A entrada de Jesús em Jerusalém é posta, em Mateus, sob o signo do *cumprimento da Palavra profética* (cf. Mt 21,4-5). A citação de Zc 9,9 põe Jesús na esteira do Rei "*justo, salvado e humilde*" (segundo o texto hebraico) de que fala o texto profético. Mas é significativo que o *incipit* do trecho de Zacarias, que convidava Jerusalém à alegria ("*Exulta de alegria, filha de Sião! Solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém!*"), seja substituído em Mateus com uma citação de Is. 62,11: "***Dizei à filha de Sião: aí vem o teu Rei, ao teu encontro, manso e montado num jumentinho;***" (Mt 21,5). Desta forma a entrada de Jesús na cidade santa transforma-se uma palavra para Sião, um anúncio que a interpela mas a que a cidade não responde com alegria mas sim com perturbação e desconfiança: "***..., toda a cidade ficou em alvoroço. Quem é este? - perguntavam.***" (Mt 21,10). Os eventos da vida e da história, lidos à luz das Escrituras, tornam-se Palavra que pede discernimento ao crente.

Mateus cita o oráculo de Zacarias mantendo apenas o atributo de mansidão do Rei que entra na cidade santa. A mansidão do "Messias" Jesús (cf. Mt 11,29) consiste na renúncia às prerrogativas reais, ao uso da força e do poder quase ilimitado, para escolher conscientemente a via da humildade, da não-violência, do respeito, do agir pacificamente.

Se este Rei é "fraco", é-o graças a uma *grande força* que presidiu à sua escolha: a escolha de renunciar à força e ao poder.

A *direcção precisa* que Jesús mantém, com resolução, na sua existência e na sua vocação, é expressa no texto evangélico através do absoluto controle dos eventos, enviando os discípulos dois-a-dois, dando-lhes indicações claras e prevendo o que aconteceria (cf. Mt 21,1-3). Mas Jesús prevê eventos banais, que não parecem ter valor histórico ou espiritual. Parece que Jesús quer que as coisas aconteçam assim, que ele monte um burro manso, que depois restituirá ao dono, para narrar e marcar com o ritmo do mular, o caminho de Deus ao encontro do Homem. A reacção de *desconhecimento* e *incompreensão* da cidade nos confrontos com este Rei que, só pelo seu agir, rebate as características de um rei da época, é significativa de uma possibilidade permanente para o cristão e para a Igreja: senti-Lo como estranho a si próprio, o Cristo revelado pelos Evangelhos, o Cristo pobre, o Cristo manso, o Cristo que não se impõe. Enfim, o Cristo que escolhe como transporte não um cavalo, mas um burro. Aquele "Quem é este?" da cidade incrédula, deve impor ao cristão e à Igreja uma outra pergunta: "Quem sou eu?"; "Que imagem do Senhor guia a minha prática cristã?". É à luz da mansidão daquele "Messias", da pobreza daquele Rei, da exclusão daquele que veio, que os cristãos e as Igrejas são chamadas a verificar as suas práticas. O paradoxo tem a função de revelação, mas pode tornar-se obstáculo.

Mateus sublinha, mais do que os outros evangelistas, a presença de uma multidão numerosa à entrada de Jesús em Jerusalém: "**Uma grande multidão...**" (v. 8); "**E todos...**" (vv. 9.11). Grande quantidade de gente que precede e segue Jesús, participação popular, confissão de fé, invocações litúrgicas, gestos de tributo para com Aquele que entra em Jerusalém. Parecem cenas de um evento coroado de sucesso. Mas no meio de todo este alvoroço a presença silenciosa de Jesús. Impõe-se uma questão: a multidão compreende o que está a acontecer? compreende aquilo que é verdadeiramente importante compreender? compreende Jesús e o seu agir paradoxal? A cena posterior da mesma multidão que pede a Pilatos que solte Barrabás, condenando Jesús (cf. Mt 27,20-24), sugere uma resposta negativa à questão. Desde sempre a fé cristã exigiu qualidade (isto é profundidade, interioridade, seriedade, liberdade, coragem, coerência,...), não quantidade. O problema é o terreno bom, não todo o terreno ou cada terreno, porque "**onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estarei no meio deles.**" (cf. Mt 18,20) e porque "**nem todos têm fé.**" (2Ts 3,2).

Celebrazione eucaristica

Is 50,4-7; Sal 21; Fil 2,6-11; Mt 26,14-27,66

L'*obbedienza a Dio* consente al Servo (I lettura) e a Gesù (vangelo e II lettura) di sostenere la dolorosa *sottomissione agli uomini* e alla loro violenza. La fede del servo Gesù appare così *fedeltà radicale a Dio e solidarietà con gli uomini* che riscatta il male con il bene.

Il racconto di Matteo è anzitutto *crisialogico*: Gesù è al centro della narrazione come figura ieratica che domina gli eventi con autorevolezza di Signore. Si preannuncia la *theologia gloriae* del racconto giovanneo. Il Cristo della passione di Matteo è più simile al Cristo maestoso dei mosaici bizantini che al Gesù *kenotico* della narrazione di Marco. Egli domina gli eventi: lo mostra l'introduzione all'intero racconto (il "titolo" della passione mattea: cf. Mt 26,1-2). Gesù sa ciò cui va incontro e lo dice: alla luce di questa conoscenza vengono ridimensionati gli sforzi di Giuda e i complotti dei suoi avversari per arrestarlo. In verità, ciò che nella passione si compie è il disegno di Dio manifestato nelle Scritture: la corrispondenza tra particolari anche banali e testi scritturistici diviene per Matteo occasione di mostrare che la passione ha un fondamento metastorico, è il compimento drammatico della storia di Dio con l'umanità. L'autorevolezza incomparabile di Gesù è dovuta alla sua conoscenza e accettazione della volontà divina, in altre parole, alla sua obbedienza alle Scritture (cf. l'annotazione solo mattea di 26,53-54). Sempre attento al compimento delle Scritture, Matteo lo è ancor più nel racconto culminante del vangelo (cf. le inserzioni mattee di 26,15; 27,9-10; 27,43). La *signoria* che Gesù mostra (in particolare con le con cui interviene per dare il senso degli eventi, per ammonire e correggere: cf. 26,1-2.52-54) si accompagna alla sua *obbedienza*: egli è il Servo del Signore (cf. 26,28 che riprende Is 53,12), il Giusto (27,19), cioè colui che non persegue la propria volontà, ma compie quella del Padre. Gesù è il Figlio di Dio (27,54), espressione che non indica un'identità di natura, ma una totale comunione di volere e di agire.

La dimensione *ecclesiale* della passione di Matteo traspare da una presentazione dei fatti illuminati dalla fede nel Risorto: questa passione è "un racconto destinato a un'assemblea di credenti" (Xavier Léon-Dufour). La comunità a cui è rivolto il vangelo di Matteo, bisognosa di essere rafforzata nella fede e incoraggiata nelle ostilità, appare, nella sua povertà e piccolezza, destinataria di quel Regno di Dio (cf. 21,43) che è un tema di fondo del primo vangelo. Comunità ormai aperta ai non ebrei, essa vede nell'intervento divino (in sogno) alla moglie di Pilato, una pagana, un'antecedente dell'apertura universalistica che connoterà la comunità cristiana. La passione di Gesù è anche giudizio su Israele, soprattutto sui suoi capi religiosi, i sacerdoti e gli anziani (cf. 27,20): l'espressione in bocca a tutto il popolo e presente

solo in Matteo, “il suo sangue (sia) su di noi e sui nostri figli” (cf. 27,25), non è formula di auto-maledizione, ma solo di assunzione di responsabilità giuridica, e nel contesto del racconto, è quanto desiderato da Pilato che si è deresponsabilizzato nei confronti del destino di Gesù (cf. 27,24). L’espressione “sui nostri figli” è un’amplificazione retorica che non può per nulla significare una maledizione che si deve perpetuare nella storia sul popolo d’Israele: Matteo non è tanto interessato a individuare chi sia più colpevole di fronte alla morte di Gesù, ma a mostrare che *Gesù è il solo Giusto*.

Infine, la morte in croce di Gesù è narrata da Matteo in maniera teologica, non cronachistica: i segni teofanici che la accompagnano (cf. 27,51-53: terremoto, aprirsi dei sepolcri, resurrezione dei santi morti, loro ingresso nella città santa, ecc.) anticipano ciò che avverrà alla fine del mondo. Così Matteo dice che la morte di Gesù costituisce l’evento culminante e decisivo della storia: è già il compimento della storia. Questo testo, solamente matteoano, parla della resurrezione di Gesù al momento stesso della sua morte (cf. 27,53), e mostra che la narrazione della passione è *rivelazione di un mistero*, il mistero della storia di salvezza.

LUCIANO MANICARDI

Comunità di Bose

Eucaristia e Parola

Testi per le celebrazioni eucaristiche - Anno A

© 2010 Vita e Pensiero